

D **o s s i Ê**

DA PRAGMÁTICA DA CORPOREIDADE AFRODIASPÓRICA: GRAMÁTICAS DO MOVIMENTO, ONTOLOGIAS E ATRAVESAMENTOS

Julio Cesar de Tavares

Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Membro do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Foi Professor Visitante na Florida Atlantic University, Miami, EUA, University of Witwatersrand, Johannesburg e na Universidade Andina Simón Bolívar, Quito, Equador. É diretor do LEECCC (Laboratório de Etnografia e Estudos em Comunicação, Cultura e Cognição). Autor de “Dança de Guerra: por uma teoria da corporeidade afro-brasileira” e “Uma Ponte sobre o Atlântico: As Diásporas Africanas na América do Sul”.

Kássio Motta

Graduado em Comunicação Social - Jornalismo, pela Universidade Federal Fluminense (2005), Mestre em Antropologia também pela Universidade Federal Fluminense (2009). Coautor e coordenador do projeto Nós - Diversidade Humana, que visa promover novos entendimentos sobre diversidades físicas e culturais com alunas e alunos dos ensinos fundamental e médio.

O conjunto de textos que compõem este dossiê promove uma amostragem, ainda que irrisória, de algumas das abordagens sobre as múltiplas experiências de imanências – e não de objetos –, que incessantemente conformam o que podemos denominar de gramática da corporeidade afro-brasileira. Gramática esta que há alguns anos é investigada pelo Laboratório de Estudos em Etnografia, Comunicação, Cultura e Cognição, da Universidade Federal Fluminense-LEECCC/UFF; e que poderia ser entendida como parte de um fenômeno maior que, vislumbrado em perspectiva comparada, ofereceria a nós uma percepção da topológica jornada de construção da diáspora africana por intermédio da rica e multivariada linguagem do corpo, este vasto lugar de produção e transmissão de memória no universo afro-diaspórico.

A ideia de gramática segue alinhada à percepção de que, a despeito de estar constituída como um conjunto heteróclito – composto por experiências de matrizes africanas, como as inculturadas no contexto de uma herança e um patrimônio afrodescendente –, existe um marcador culturalmente

potente que, mesmo se admitindo a impossibilidade de se falar de um padrão universal, essencial, congelado e estrutural, com toda certeza poderemos falar de uma família de semelhanças, de regularidades pontuais, em que o uso ritual do movimento é a unidade marcante a que nos referimos; que se traduz em estética, ética, linguagem e, por fim, forma de pensamento.

Ora, se falamos de movimento, falamos, imediatamente, de seu corolário: o corpo. Mas não do corpo em pura fisicalidade, sem órgãos, meramente máquina. Falamos do corpo que transcende dualidades de corpos, por isso mesmo plásticos, dinâmicos, autopoéticos, resilientes, adaptáveis e atravessados pelas mais distintas formas de territorialização, ‘dobras’ e ‘quebras’ encontradas na pós-travessia atlântica. Esses corpos trazidos para a máquina produtiva do antigo sistema colonial foram entendidos como corpos sem alma pelos gestores, raptos e algozes coloniais. Mas, quando referidos a si mesmos, pelos africanos e afrodescendentes, estes corpos se tornaram arquivos, armas, lugares de memória, ferramentas cognitivas e socioculturais de autorreferencialização e reconhecimento, em geral, nas cidadanias apartadas que foram edificadas em todas as regiões sobre estes corpos derivados da África. Portanto, corpos que distinguiam-se como lugar de memória explícita, mas também motivados por uma memória implícita, construída na tradição e na destruição da história psíquica e cognitiva, que habitava aqueles corpos transladados para um tempo civilizacional virtual; um tempo a eles não pertencente, mas que deles haveria de se tornar. O novo *habitat*, onde plantariam suas raízes e de onde emanariam suas novas formas de vida.

O que intentamos com este projeto, todavia, não diz respeito ao entendimento de gramática como guarda-chuva ou macroestrutura de princípios ordenadores de processos explicativos do estado de todas as coisas ditas, escritas ou ações e pensamentos que possam ser reduzidos a um resultado único. Ao contrário, o que buscamos é uma compreensão expandida a cerca do fenômeno da constituição dos regimes de corporeidades, das formas corporais resultantes da vida cotidiana e do mapeamento de trilhas, *cruzos, sobreposições e giradazinhas*, desenhadas a partir dos elementos incorporados de

modo naturalizado na construção do viver diário desses corpos, conforme os artigos que seguem apresentarão.

Este é o caso da cultura afro-brasileira, que aponta formas de produção da expressividade sempre ladeadas por um caudaloso processo de operações imaginativas, promotoras de uma permanente poética, em meio aos fluxos de multiplicidades de formas e sotaques corporais que, invariavelmente, transitam do profano ao divino, do performático ao virtual, do telúrico ao metafísico, do resistente ao existente, do conhecimento à ontologia, do corpo à mente, da palavra ao gesto, do fragmento à totalidade; do gênero ao transgênero.

Estes fluxos multidirecionais de formas e sotaques corporais, com múltiplas origens, compõem a potência e a dinâmica desta gramática trans-local na diáspora africana. Gramática que, permanentemente, se renova para sustentar e conter o vasto, complexo e poroso universo simbólico desta jornada afro no mundo das Américas. Este ser-estar sempre em condição liminar, entre lugares e polaridades, entre a cidadania virtual e a sombra do ex-(sempre presente)escravo, que sem ajustes efetivos, é correspondido de modo irracional – e sem reparos – na linguagem não-verbal pelo interlocutor ancorado na gramática da branquitude. Gramática esta normativa, monocultural e monolíngue, que classifica expressividades e linguajares criativos e originários do liminar como um “fora do lugar”. Aqui denominamos de branquitude esta episteme que predomina entre os ocupantes dos espaços institucionais e que corresponde, até então, à inquestionável e inominável supremacia da natureza do ser branco. Como se este fosse universal e sua presença no mundo nunca fosse imolada, incomodada e aviltada na sua forma de ser, estar e conviver, pois trata-se do modelo especular permanente, comprovado na pesquisa de Lia Schucman. Com efeito, lança-se um olhar sempre distanciado para o outro cuja diferença consolida este mesmo olhar como o de um observador neutro, padrão e universal. A norma do espelho é a tara do homem branco, conforme nos ensina Franz Fanon.

Assim posto, de fato, salvo em algumas superfícies políticas e ideológicas, o entre-lugar é um “fora de lugar”; mas jamais no plano ontológico da

vida ordinária, na sua forma mais bela e elementar de produção de possibilidades, de presenças e de categorias que as representem. Serão essas categorias, sempre a serem atualizadas, que tornaram, tornam e tornarão possível transmitir os sentidos construídos, armazenados e expressos por movimentos que constituem essa gramática das entrelinhas, que não trabalha na norma, mas na incessante busca de possíveis expressões de ser, estar e conviver nos mundos.

É desta maneira que a existência da população da diáspora africana é constituída. Na ambivalência da forma e do conteúdo, sem a oposicionalidade necessária para a racionalidade da colonialidade. Forma de vida trazida à luz do e no entrecruzamento antropofágico com a cultura do outro colonial. Assim, o corpo negro, simultaneamente, afro-brasileiro e afro diaspórico, leva a deglutição a sério como metáfora e como performance – e, portanto, como linguagem na recepção do outro. Linguagem que nasce do corpo e corpo que cresce na linguagem. Esta prática interacional e produtora de novos sentidos adentra o universo do colonizador como um marcador cultural. Potente a ponto de permitir o aparecimento de uma nova pragmática. Nela, o operador centra-se na totemização do corpo, espaço celebratório do agir, pensar, combater, orar e do se divertir. Intrumento para escrever e se inscrever a própria narrativa. Dizer como quer ser, estar e conviver nos mundos, com os outros.

No Brasil, durante pouco mais de uma década, com a virada histórica produzida pelas ações afirmativas e o *welfare state* em que vivemos – embora, no presente momento, em 2016, testemunhemos o desmonte, à jato, do que foi a duras penas conquistado pelo povo brasileiro –, percebeu-se o florescimento da presença considerável de jovens pensadoras e pensadores. Emergiram nas universidades com desejo de contribuir na formulação de um pensamento dirigido para novas imanências nos campos de pesquisa das Ciências Sociais, do Direito e das Artes, em especial. O alvo identificado por estes jovens é, ao menos, a relativização da injustiça epistêmica praticada com a exclusão de saberes e conhecimentos da população afro-brasileira e afro-diaspórica, além da mirada para a abertura e o reconhecimento de

espaços para novas incorporações de conhecimentos (re)produzidos e transmitidos pelos sentidos desses corpos negros diaspóricos. Uma atitude nesta direção torna visível novos modos de abordar, na analítica pragmática e na fenomenologia da sociedade, as categorias de classificação do mundo e dos eventos cunhados pela experiência de pensadores negros, até então desconhecidos. Ou, ainda, incluir categorias de pensamento elaboradas pelas formas corporais e regimes de corporeidades desenvolvidos pela sabedoria da vida comunitária. Os autores que compõem esse dossiê apresentam um minúsculo exemplo desta atividade intelectual, valorizadora dos saberes de (re)existência que tornam a diáspora negra um explosão de novos sentidos e de novas formas de vida.

Começemos por **Juliana Streva**, Doutoranda em Direito, na Universidade de Berlim. Seu artigo *Colonialidade do Ser e Corporalidade: O Racismo Brasileiro por uma Lente Decolonial* convida-nos a uma forte reflexão teórica a respeito da natureza de um corpo submetido à violência da ambivalência colonial – física e simbólica –, e de seu legado, a colonialidade. Vista em sua modalidade da *colonialidade do ser*, isto é, o processo de objetificação em massa de corpos negros, o conceito de colonialidade percorrerá todo presente ensaio, apontando para seu efeito, que é muito mais do que a banalização dos corpos pela biopolítica racista governista, mas, sim, a concretização de uma necropolítica, a naturalizar o processo de genocídio da população negra. Em sua etnografia da literatura pós-colonial, parte de sua dissertação de Mestrado em Direito, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-PUC-Rio, argumenta Streva que o racismo é o mecanismo social de manutenção das relações coloniais de poder no Brasil e que o mecanismo da colonialidade, principalmente em sua categoria *colonialidade do ser*, é responsável pela constituição da corporalidade negra, assim como da branca, por meio de um modelo humanista eurocêntrico, vinculado a um processo de objetificação racista, que se mantém atualizado nos dias de hoje. Com este conceito em mente, o presente artigo constrói uma leitura crítica do racismo colonial brasileiro por meio de diálogos com pensadores decoloniais da América Latina, África e Europa.

De outro modo, podemos dizer que é na estética que tanto a ética quanto o corpo repousam como política. É este o caminho que *Performances Afro-Diaspóricas e Decolonialidade: O Saber Corporal a partir de Exu e suas Encruzilhadas*, de **Luiz Rufino**. Doutorando em Educação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, que propõe um percurso bastante original. Jovem educador – com ampla e profunda experiência aplicada e observacional na arte da Capoeira, com seus ritmos musicais, conjugada ao seu engajamento na Umbanda e no Candomblé e sua dedicação na preservação do Jongo –, Rufino ousa construir uma narrativa que amalgama todas as experiências de categorização de seus campos de pesquisa, bem no estilo do *duplo vínculo* de Bateson ou da dupla consciência de DuBois. O texto que o autor apresenta, é parte de sua tese de doutorado em Educação, ainda em conclusão. Texto que revela a busca por uma compreensão da corporeidade, marcante na tradição cultural afro-brasileira, como um exercício de pensamento interseccional, de atravessamento, de cruzos das múltiplas falas e ontologias presentes nos pluriversos de experiências performáticas e rituais da cultura afro-brasileira. Com este investimento analítico, o autor se aproxima de modo inovador da articulação de categorias e conceitos que são nativos e correntes naqueles quatro campos – Capoeira, Umbanda, Candomblé e Jongo –, e que só foram possíveis de serem utilizadas graças e, principalmente, ao convívio profícuo, interativo e respeitoso que Rufino estabelece com esses saberes. Deste modelo seguro, se estabelece a experiência de duplo vínculo acima mencionada, pois termos como *encruzilhada* e *marafunda* são apresentados como marcadores no processo de formação representacional, mas também são marcadores de processos corporais. Essa tessitura dialógica proporcionará o exercício de “uma perspectiva em encruzilhadas”, conforme chama o autor e para o qual ele trará a potência do Orixá Exu, em torno dos ritos aqui destacados.

Das encruzilhadas para as redes. Assim seguimos a coletânea com o trabalho de **Ricardo Freitas** - Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia-UNEB e Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-ECO/UFRJ. Com o texto *Jovens de Axé: Construção de (Auto)Imagens, Estética Afro e Identidade Reli-*

giosa, o autor apresenta um olhar analítico sobre o modo como jovens de axé, a juventude integrante de terreiros, se autorrepresentam e como produzem sua presença neste mundo contemporâneo, através da máquina cibernética, de modo a proteger e a afirmar aspectos de culturas afrodescendentes. Por intermédio de *selfies*, em redes sociais, produzem os sentidos do que querem ser sob o ponto de vista religiosos e étnicorracial. Uma forma bem interessante de produzir identidade racial, intervenção social e conquistar reconhecimento junto à esfera pública política. Assim, Freitas conduz leitoras e leitores pela análise da importância das redes sociais para dar visibilidade a uma dita identidade religiosa juvenil afro-brasileira. Identifica na estética, no corpo e nos modos de corporeidade, os mais eficazes atributos para a criação de uma (auto)imagem e de um imaginário do jovem de axé, num tipo de “imagem do eu” ou de “imagem-estilo-de-vida”, que reflete diretamente no campo das produções simbólicas e das representações acerca da juventude de terreiros. Ao nos fazer refletir sobre como o consumo na contemporaneidade é mais um consumo de imagens do que, propriamente, de materialidades, o artigo de Freitas nos permite afirmar que a produção imagética será determinante para a conquista de uma “cidadania visual”, que toma como base a produção de uma esfera pública negra no campo virtual.

O texto de **Julianna Rosa e Lau Santos**, *Experiências e Estéticas Afro-Diaspóricas: o Corpo, a Dança e o Canto como Procedimentos de Criação de Ijo Alapini*, desenvolve uma reflexão sobre a utilização de práticas corporais afro-diaspóricas em processos criativos nas Artes Cênicas, tendo como base a experiência audiovisual *Ijo Alapini* (2013). No texto, a Doutoranda e o Doutor em Teatro, ambos do Programa de Pós Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina-PPGT/UDESC, apontam para um exercício de dramaturgia afro-brasileira de resistência. Trata-se de uma experiência em vídeo-dança, em que os gestos e os movimentos da capoeira angola e da dança afro-brasileira tornam-se geradores de corporeidades e, portanto, elementos potentes para a criação de uma dramaturgia de resistência. Na proposta reflexiva, o corpo, a religião e a arte se constituem em nexo central para apresentar uma perspectiva sobre o conceito de dramaturgia e

como a centralidade do texto na cena teatral implicou numa posição social, econômica e ideológica de agentes envolvidos. Em seguida, autora e autor expõem as problemáticas de uma dramaturgia hegemônica, que prioriza, no espaço teatral, o texto como elemento principal diante dos outros elementos cênicos. Nesse sentido, retomaremos a noção de corpo como aspecto potente para criação e composição artística, seja no contexto diaspórico – em que o corpo é agente e produtor de estratégias de resistência –, seja no contexto político, em que os movimentos corporais são transgressores, opondo-se à lógica cartesiana e dissimulando os códigos do sistema colonial.

Nos dois últimos tópicos deste texto, a ancestralidade, a corporeidade e a dança dos Orixás serão apresentadas a partir do vídeo-dança *Ijo Alapini*. Explora-se o processo de criação, de busca de dramaturgias e de composições com o espaço-ruína, em Diamantina-MG. Mostraremos, aqui, alguns *frames* deste trabalho, a fim de provocar o olhar do leitor para as imagens produzidas e a relação com o simbólico, principalmente, com os mitos dos Orixás presentes na dança e nos movimentos executados pelo *performer*.

Ainda no rico mundo da dança afro, após oito anos de interação e integração com o universo do Maracatu, a dançarina e Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense-PPGA/UFF, **Laís Salgueiro**, apresenta sua experiência etnográfica com a dança do Maracatu e suas reflexões sobre o movimento como elemento chave na construção da cultura daquela performance. O artigo *Dança do Maracatu – Aprendendo suas Formas com Mestre Maurício* é composto por três eixos transversais, que buscam debater sobre como agentes das Nações de Maracatu reatualizam seus *saberes corporificados*, afirmando suas identidades, relações sóciorraciais e econômicas. Nesta investida, Laís procura realizar uma revisão do conceito de dança a partir do próprio Maracatu. A autora, então, desconstrói o conceito de danças étnicas, revelando o processo de racialização presente em tal classificação. Do mesmo modo é desconstruído o caráter isolado do movimento, que passa a ser pensado de modo mais contextualizado, revelando aspectos comunicativos e inter-relacionados dos movimentos da dança com o toque e o canto na performance do Maracatu. Elementos que

funcionam como afirmação de uma cosmologia e visão de mundo afro-diaspóricas. E este exercício é transconfigurado por uma abordagem fenomenológica, em que o corpo é pensado como base, marco, natureza efetiva e afetiva da elaboração da cultura, em seus processos criativos e comunicacionais.

No entanto, todo o exercício e esforço desenvolvido por Laís concentra-se na possibilidade de encontrar caminhos para pensar o movimento como força ativa. Por isso, por intermédio de observação etnográfica, investe na busca das unidades que permitam pensar o movimento tanto como materialidade espiralada, como sugere, e como um fenômeno que se dirige como algo para além dele mesmo. Como ele recria unidades quer em palavras, quer como representação figurativa. E encontra!

Esperamos que os diálogos possíveis entre os referenciais decoloniais de Strega e os cruzos exusíacos de Rufino, nos apontem caminhos para ações decoloniais cujas gingas buscam sempre as aberturas na norma eurocêntrica. Norma dominadora, por isso castradora, que não reconhece no outro, mais precisamente em outras expressões de corpos negros, possibilidades de uma humanidade criativa.

Criatividade que emerge como potência de resistência nos trabalhos de Ricardo Freitas, Julianna Rosa e Lau Santos, e Laís Salgueiro. Potência de vida que resistiu a séculos de caçadas, sequestros, estupros e atrocidades de toda sorte, e que, ainda hoje, continua a florescer nas expressões de corpos negros, de forma leve, alegre e viva – a produzir identidades afro-diaspóricas. E nesta pragmática, em que a linguagem de corpos cujos movimentos, gestos, cantos, danças e imagens criam novas narrativas, é que se apresenta a vida como essa força insurgente e incessante – quiçá invencível –, que ginga em busca das fissuras, das brechas de luz, das entrelinhas, dos espaços possíveis de ser, estar e conviver num mundo injusto, racista e desumanizador.

Contra esse mundo imposto sob a égide do colonialismo, estarão os negros em movimento a tocar, a girar, a cantar e sorrir, e a irradiar e a irradiar-se como força vital que tanto é celebrada. Princípio ontológico de toda (re)existência negro-africana.

Boa leitura e muito Axé!

REFERÊNCIAS

1. BATENSON, GREGORY. Towards a Theory of Schizophrenia. In *Steps to an Ecology of Mind*. Jason Aronson Inc. Northvale, New Jersey, London, 1987.
2. DU BOIS, W.E.B. *The Souls of Black Folk*. New York: Dover Publications, 1994.
3. FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
4. SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.
5. TAVARES, Julio Cesar de. WITTGESTEIN, LUDWIG. In *Dicionário de Comunicação*, Ciro Marcondes Filho (Org.). São Paulo: Editora Paulus, 2009.